



revista de
POLVOREIRA

GUIMARÃES

Uma voz que faz falta ouvir...

Fra

passado

presente

futuro

SETEMBRO 2020

Número: 33

REVISTA MENSAL DA JUNTA DE FREGUESIA DE POLVOREIRA



Listen *

* Oçam

O grande destaque da edição deste ano do Festival de cinema de Veneza foi, para nós portugueses, o **Bisato d'Oro** de Melhor Realização atribuído ao filme **Listen**, realizado por Ana Rocha de Sousa (à esquerda), protagonizado por Lúcia Moniz (à direita) e **produzido pelo realizador vimaranense Rodrigo Areias** (ver caixa).

O filme conta a história de um casal português emigrado no Reino Unido a quem os serviços sociais retiraram os filhos.

Para além daquele, o filme recebeu ainda o prémio "Leão do Futuro – Luigi De Laurentiis", no valor de 100 mil dólares, o prémio especial do júri da secção competitiva "Horizontes", e o "Sorriso Diverso Veneza", pela abordagem de questões sociais.

Posteriormente, Ana Rocha de Sousa haveria de arrecadar mais dois galardões: "Casa Wabi – Mantarraya Award" e o "HFPA", partilhado com os filmes "The Wasteland", de Ahmad Bahrami, and "Genus Pan", de Lav Diaz.

Rodrigo Areias, o produtor, considerou "absolutamente incrível e fora do normal" a atribuição de quatro prémios pelo Festival de Cinema de Veneza à realizadora Ana Rocha de Sousa, pela longa-metragem "Listen". - "Para uma realizadora que faz um primeiro filme, ganhar um grande prémio, o prémio especial do júri, é um privilégio grande, como é óbvio. Estes prémios todos juntos constituem uma coisa absolutamente incrível. Ganha dois 'leões' oficiais e dois prémios paralelos" - afirmou.

Rodrigo Areias é um figura de destaque da cinematografia portuguesa mas é, sobretudo, um vimaranense apaixonado, **com raízes na nossa freguesia**.

Com efeito, "Os Areias" vieram assentar arraiais em Polvoreira, mais propriamente em Covas, em meados da 3ª década do século passado, provenientes de Gandarela. Foi graças ao seu dinamismo que este lugar icónico do nosso concelho, alcançou o desenvolvimento industrial a ponto de ser considerado um dos mais desenvolvidos polos de têxteis do nosso concelho e, no qual, centenas e centenas de Polvoreirenses trabalharam.

Decorridos dez anos, depois de ser desactivada "a ASA renasceu sob a forma de um conceito inovador. Novos quotidianos, ritmos e habitantes para um edifício emblemático da arquitectura industrial portuguesa, dos anos 60, agora reconvertido em condomínio empresarial. Plataforma criativa, lugar de trocas, fusão e experiências, onde cada um participa na reinvenção do passado"

Corporizou o espírito de Guimarães como Capital Europeia de Cultura acolhendo o Laboratório de Curadoria "propiciando uma espaço de reflexão de partilha de novas práticas artísticas" nas palavras de Paulo Cruz, administrador da Fundação Cidade de Guimarães.

Como acima referi, "Os Areias de Covas" provieram de uma família de abastados lavradores de Gandarela, constituída por Plácido da Silva Areias e Rosa Maria Abreu. Tiveram cinco filhos. O mais velho, Francisco Areias, depois de ter montado em Gondar uma oficina manual de produção de linho, foi o primeiro a aportar a Covas, em 1926, na procura de um lugar perto de uma estação de caminhos de ferro, essencial para o exercício da sua actividade. O irmão Agostinho seguiu-lhe as pisadas. Um outro irmão, Carlos instalou-se em Vizela, um outro morreu cedo e o último emigrou para o Brasil, onde fez fortuna.

Continuaremos as investigações e delas daremos conta em próximas edições.



O mês de outubro marca o início do ano hidrológico e consequentemente a chegada das primeiras chuvas e ventos fortes. É importante então adotar medidas preventivas de forma a diminuir o risco associado a eventuais fenómenos de precipitação intensa, ventos fortes e instabilidade de taludes ou deslizamentos do solo.

MEDIDAS PREVENTIVAS

O Serviço Municipal de Protecção Civil de Guimarães, recomenda a realização das seguintes medidas preventivas:

- > Desobstrução dos sistemas de escoamento dos quintais ou varandas e a limpeza de sarjetas;
- > Limpeza de caldeiras dos telhados de habitações, removendo folhas, areias e pedras existentes;
- > Fixar ou remover todas as estruturas que possam ser facilmente movimentadas pelo vento forte;
- > Em situações de terreno inclinado e em áreas ardidas: evitar cortes rasos de material lenhoso e remover/retirar os sobramentes de cortes de árvores que se encontrem junto às linhas de água.

O SMPC recomenda a adequação dos comportamentos e atitudes face às situações de perigo/risco detetadas, bem como sinalização e alerta de situações ao SMPC, por forma a envolver os serviços/entidades competentes no âmbito das suas atribuições próprias, através dos contactos 253 421 212 ou smpc@cm-guimaraes.pt.

Quem é Rodrigo Jorge de Bastos Areias ?



Licenciou-se em Som e Imagem na Escola das Artes, com a especialização em Imagem.

Fez também uma especialização em realização na Tisch School of Arts na Universidade de Nova Iorque e os programas de produção Eurodoc e Biennale College de Veneza.

Tem desenvolvido ao longo da sua carreira, trabalhos criativos na área de cinema de autor em ficção e documentário, alternando com outros em domínios de vídeo-arte e vídeo clips.

Como produtor começou a sua carreira em 2001 e desde então produziu e co-produziu mais de 100 curtas, longas, vídeos e documentários.

Produziu autores de renome como Edgar Pêra, João Canijo e F. J. Ossang, bem como jovens realizadores como Jorge Quintela, André Gil Mata, João Rodrigues e através do estúdio de animação tem produzido várias curtas de autores como David Doutel, Vasco Sá ou Paulo Dalva, multipremiadas.

Tem coproduzido com o Brasil, Reino Unido, França, Alemanha, Finlândia e EUA.

Foi responsável pela produção de cinema de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura onde se incluem filmes de realizadores como Jean-Luc Godard, Aki Kaurismaki, Peter Greenaway, Manoel de Oliveira, Victor Erice, entre muitos outros.



ÍNDICE

Nº 33 SETEMBRO 2020



04 e 05

Padre Isaac

A Travessia do Canal de Suez
A Índia e os carregadores negros
Macau e a Gruta de Camões



06 e 07

Associativismo

Actividade das nossas Associações
Rómulo de Carvalho



08

dos porquês...

A nova série:
Joaquina e a Covid - 19



09

A IMPORTÂNCIA DA FÍSICA MÉDICA

Ressonância Magnética
Medicina Nuclear
e a Biofotónica



10 e 11

Escola de Polvoreira

Crónicas de,
João Costa
e Sara Oliveira Freitas.



12 e 13

Da nossa janela... Cidadania

Mileva Maric, Einstein,
Pauline Gagnon e
Sebastião de Sousa e Silva



14

Diário de Teresa Gil
por, Nuno A.P.O.E. de Abreu

Ordonho II, de Leão,
Elvira Mendes e
São Rosendo



Carlos Alberto Oliveira
Presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira

EDITORIAL

Vamos entrar num tempo novo. D. Jorge Ortiga vai em breve ser substituído.

Os últimos tempos foram tempos difíceis. Depois de uns anos de são convívio, com a saída do Padre Isaac da nossa paróquia, as relações entre o poder local eleito e o poder eclesiástico nomeado, viraram-se do avesso.

Fui acusado publicamente de administração fraudulenta, sem sequer ser o presidente da direcção do Centro.

Fui mesmo notificado, oficialmente, por D. Jorge Ortiga de eventual responsabilidade criminal na administração daquela Associação.

Fui acusado de promover a construção de uma Unidade de Cuidados Continuados, fora da área territorial da freguesia.

Felizmente os tribunais comprovaram a legalidade do meu comportamento, houve quem fosse condenado por difamação e, mesmo as pessoas que acusaram, declaravam publicamente agradecimentos à boa gestão anterior, reconhecendo o grande trabalho que havíamos feito, enquanto dirigentes daquelas Instituições.

O próprio Sr. Arcebispo acabou enviando-me uma carta na qual me ilibava de qualquer responsabilidade civil ou criminal, enquanto colaborador muito próximo do padre Isaac no Centro Social da nossa freguesia, agradecendo o meu empenho.

Neste novo tempo temos esperança que seja feito um balanço descomprometido do comportamento dos principais responsáveis por esta situação de molde a que possamos voltar ao tempo em que, de novo, todas as nossas associações cívicas e religiosas eram acarinhadas, respeitadas e consideradas.

Neste novo tempo, esperamos que o poder político e o poder religioso mantenham a sua própria identidade, o seu próprio território, desempenhando as funções para que foram constituídos de forma a que quem cuida do que é de Deus não viva obcecado por se aproveitar do que é de César!

No prefácio do livro "Poder e Dinheiro", escreve o Papa Francisco: "Quando a Igreja é fechada em si mesmo, **muitas vezes mercantil**, não se pode dizer que é uma igreja que ministra, que está ao serviço, mas sim uma igreja que se serve dos outros"

É absolutamente necessário que a voz do Papa se ouça em Polvoreira. Na minha freguesia!



DIRECÇÃO Nuno M. P. de Abreu - @: nunodoraso@gmail.com
REDACÇÃO: A do Ribeiro do Pinto, António Gomes, Nuno A Pereira, C. Mota Reis, Maria A. de Portugal, Maria C. Gomes, P. Torres, Maria Carolina L. da Silva



DIRECÇÃO ARTÍSTICA Carlos M. P. de Abreu - @: c.miguel.abreu@gmail.com
IMPRESSÃO E ACABAMENTO - costagustreiro,lda - Penselo, Guimarães
EMAIL: revistapolvoreira@gmail.com



PROPRIEDADE E EDIÇÃO: Junta de Freguesia de Polvoreira, com sede na Rua do Formigoso, n.º 103, 4835 - 168, Telefones: 253 523 896; 253 557 128. Publicação periódica isenta de registo na ERC, ao abrigo da alínea b) do n.º 1 do artigo 12.º do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de Junho, com as alterações introduzidas pelo Decreto Regulamentar n.º 2/2009, de 27 de Janeiro.



personalidades

O Padre Isaac parte VI

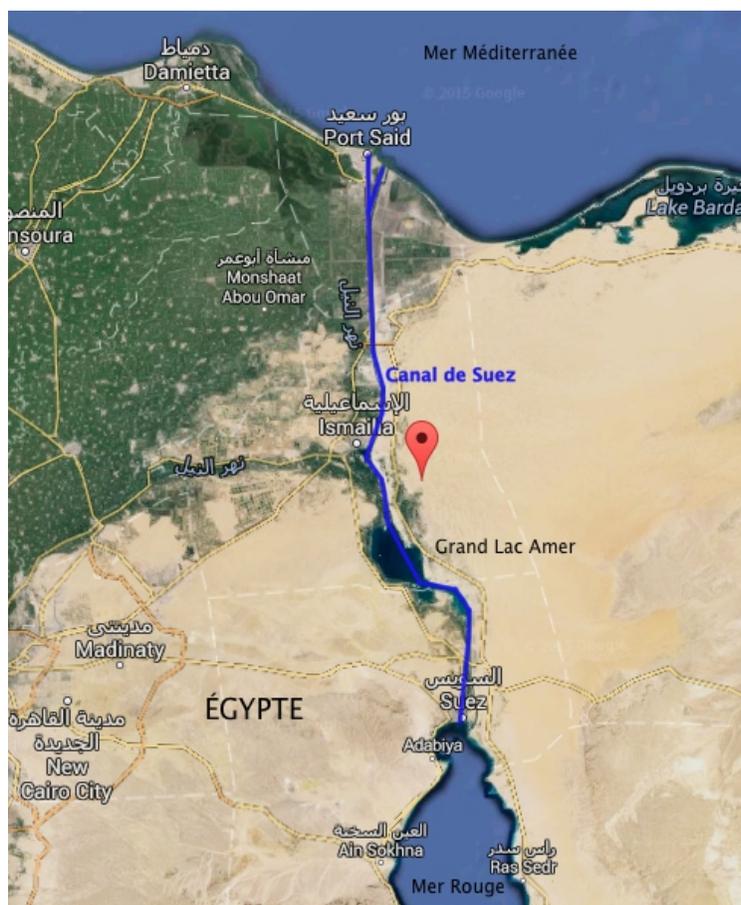
Atravessando o Suez a caminho de Timor

Na revista do mês passado, o Padre Isaac referiu o facto de ter encontrado, no Seminário de Bragança, o Padre Afonso que trabalhava na Diocese de Dili e passou lá, pelo Seminário, realizando uma conferência que, julga, ter sido destinada a cativar vocações para aquela diocese.

Assinalou a coincidência de, cerca de meio ano depois, quando embarcou no navio Timor a caminho de realizar o seu sonho - ser sacerdote - o mesmo Padre Afonso ser seu companheiro de viagem quando regressava à sua diocese. Prometemos, então, dar conta dos pormenores da viagem na página seguinte da revista. Todavia, a falta de espaço remeteu-nos para o aqui e agora.

O Padre Isaac recordou-nos emocionado tal coincidência que lhe permitiu, por exemplo, visitar um templo budista, no Sri Lanka, então denominado Ceilão. Acompanhado pelo Padre Afonso, teve de se descalçar à entrada e calçar uma espécie de chinelos cujo aluguer tinha de ser pago em dólares ou rupias, moedas que não possuía. E foi então que o Padre Afonso pagou por ele permitindo-lhe visitar aquele templo.

Mais tarde, já sacerdote, o Padre Isaac reencontrou o Padre Afonso, então Administrador Apostólico da diocese. O Padre Isaac fora encarregado, juntamente com outro sacerdote, de fundar uma escola, em regime de internato, destinada a alunos da parte portuguesa da Ilha. Por determinação do Bispo, o Padre Afonso foi para lá viver. E assim teve o prazer de com ele conviver e mesmo colaborar nas suas funções eclesiais. Com a invasão da Indonésia, o Padre Afonso, mal visto pelos invasores, foi coagido a partir para Lisboa onde viria a falecer de ataque cardíaco. Ficaram as saudades e o reconhecimento...



Mas depois deste pequeno parêntesis continuemos o relato do navio Timor a caminho daquela Ilha.

As refeições eram confeccionadas à boa maneira portuguesa com a introdução de um ou outro pormenor que lhes não retirava a sua tipicidade. Por isso, sabiam-lhe bem. De relevante a refeição da noite ser sujeita a um cerimonial, diria, um pouco medieval. Havia dois horários. O primeiro destinado à "plebe" e o segundo à aristocracia pré-definida. Neste jantar, presidido pelo comandante do navio, só tinham assento os oficiais e os passageiros de 1ª classe, previamente identificados e todos vestidos a rigor. Era um alívio para o Jovem Isaac que, não só não possuía as vestes adequadas, como não tinha paciência para tantas reverências e salamaleques.

A rota do navio a caminho de Timor atravessava a canal do Suez que, na altura, ainda não havia sido alargado. Existia apenas, mais ou menos a meio, um espaço alargado onde os navios se cruzavam e onde aguardavam a sua vez de completarem o trajecto.

Quando chegaram ao Pacífico, o mar que se havia mostrado até aí relativamente calmo, entrou em fúria. Ora eram arremetidos dum lado para o outro do navio, ora para a frente, ora para trás. As mesas foram presas ao navio por cadeados e a louça e os talheres presos àquelas por um processo que não consegue recordar.

A determinada altura, ouviu um enorme estalido vindo da parte inferior do navio. O oficial das máquinas, que por acaso estava na sala com algumas pessoas, entre as quais o seminarista Isaac, levantou-se imediatamente e desapareceu a correr.

Algum tempo depois, talvez mesmo no dia seguinte, um oficial pediu aos passageiros para se dirigirem à amurada esquerda. Explicou-lhes que não se deviam preocupar, que as tempestades eram ali frequentes, mas, de qualquer forma, iriam receber instruções para o caso de terem de abandonar o navio. Apontou as baleeiras para onde deveriam descer. Informou-os que o colete insuflável que deveriam vestir estaria munido de uma lanterna que acenderia automaticamente e os referenciaria junto de quem os viesse salvar.

Felizmente nada aconteceu e a viagem prosseguiu com toda a tranquilidade. Já nessa noite, ou logo no dia seguinte, o mar acalmou. Continuaram os jogos de loto, as canções então em voga em Portugal entoadas por dois ou três soldados, ou mesmo a récita de poesias por alguns passageiros com reconhecidos dotes para o efeito.

E quando deram por ela estavam já a atracar no porto de Mormugão, em Goa, na Índia! _____

Fazia um calor imenso e o Jovem Isaac suava por todos os poros. Teve pena dos soldados que lá desembarcaram, que rapidamente se organizaram em colunas e ordeiramente marcharam em direcção à cidade.

Aí ficou, durante oito dias, enquanto se procedia às manobras de carga e descarga do navio. E aproveitou o tempo para, pela manhã ou pela tardinha, conhecer um pouco da tão falada Goa. Haviam-lhe falado na perigosidade das cobras capelo mas não viu nenhuma.

Passados uns dias, o navio retomou a viagem e o Padre Isaac ficou com saudades das conversas com os oficiais que haviam ali desembarcado. Restaram apenas dois ou três, vestindo à civil, que seguiram em comissão de serviço para Timor.

Mas, dali, duas recordações lhe ficaram bem vivas na memória e que guarda até hoje.

A primeira foi a de visionar, pela primeira vez, trabalhadores do porto com argolas no nariz. E, sobretudo, presenciar um português, talvez o encarregado, a puxar pela argola do nariz de um negro e confrontar a cara de dor do mesmo.

A segunda, bem mais agradável, foi a de ter viajado diversos vezes de comboio sem pagar, sem jamais aparecer um revisor, contrastando com a experiência largamente vivida em Portugal, onde o via constantemente a percorrer de trás para a frente e de frente para trás as carruagens, com ar inquisitorial.

O calor diminuiu um pouco e, decorridos uns dias, atracavam em Singapura. Por lá se quedaram apenas por vinte e quatro horas. Foi o suficiente para os comerciantes da região invadirem o convés com os seus artigos. Era tudo tão barato que o Jovem Isaac, embora com os bolsos pouco recheados, resolveu comprar umas calças. Todavia, sem tempo de as provar, nunca as usou de tão apertadas lhe ficavam.

Mas de Singapura ficou-lhe uma imagem de alguém, que estava no porto e que haveria de constatar ser uma figura relevante do Seminário de S. José em Macau: o padre Manuel Teixeira de quem apresentamos pequenas notas biográficas na caixa ao lado.

O Padre Isaac, lembrou com muita admiração a figura daquele transmontano, recordando que não morreu há muito tempo - já ele abandonara a paróquia de Polvoreira - e de quão feliz ficou ao ler no jornal as referências extremamente elogiosas que acompanhavam a notícia triste do seu falecimento.

Ainda a propósito de Singapura, o padre Isaac recordou-nos a importância que os portugueses tiveram naquela parte oriental do mundo, através de uma sua particular vivência.

Quando já se encontrava no Seminário de Macau, havia um seminarista, com uma certa idade, que falava inglês e uma ou outra palavra em chinês e português. Ficou em frente da sua mesa uns seis meses. Certo dia, referiu-se ao facto de que muitos dos naturais, mais idosos, de Singapura ainda se lembravam de algumas palavras em português que tinham aprendido com seus antepassados. O Padre Isaac, admirado, exclamou: "Como é que passados tantos séculos ainda ali se encontravam vestígios do Português lá introduzido após a breve incursão de Afonso de Albuquerque com seus guerreiros por aquelas paragens?!"

E para ficar esclarecido continuou:

- Quais palavras, por exemplo, perguntou-lhe ?

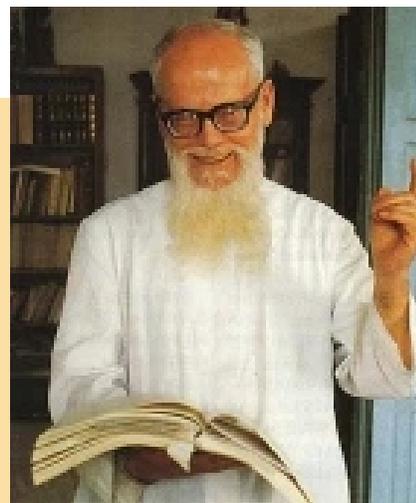
- E ele respondeu-lhe: - deitar.

- Deitar? Deitar, como?

E ele explicou: - As pessoas mais velhas de Singapura, quando diziam que alguém se deitava, referiam : sapa pança.

Ou seja, assapavam a pança. E o padre Isaac, entre um sorriso, dizia que o tal seminarista, um pouco envergonhado, ainda elucidava: sapa pança, sim, o mesmo que sapa cu...

António Gomes



Manuel Teixeira nasceu em Freixo de Espada à Cinta, em 1912. Após ter concluído a primária, na sua terra natal, partiu para Macau para ingressar no Seminário de S. José. Na igreja desse Seminário seria ordenado em 29 de Outubro de 1934.

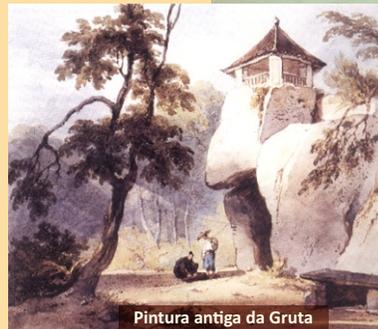
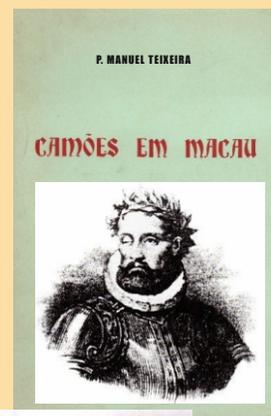
Aos 22 anos começou a dirigir o Boletim Eclesiástico da Diocese. E em 1942, fundou a revista "Clarim" e foi cofundador do semanário "União".

Entre 1948, foi para Singapura e aí, até 1962, como Vigário Geral das Missões Portuguesas de Singapura e Malaca, organizou e dinamizou diversas instituições religiosas e fundou a revista católica de língua inglesa "Rally".

Em 1952, reconhecendo os relevantes serviços prestados, o Governo Português, agraciou-o com a condecoração do Oficialato da Ordem do Império Colonial.

Em 1981, a Fundação Calouste Gulbenkian premeia o seu trabalho "Os Militares em Macau" com o prémio de História e, dois anos mais tarde, pelo seu trabalho "Toponímia de Macau" com o mesmo prémio. Recebeu ainda a distinção de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique em 1974 e a Medalha de Valor em 1985.

Gruta de Camões em Macau



Pintura antiga da Gruta



rubrica

Associativismo



Centro Social
de Polvoreira



Associação de Futebol Popular de
Guimarães

Após reunião com os clubes, onde foi apresentado e discutido o Plano de Contingência, assim como assuntos relativos à situação actual, a Direcção da AFPG decidiu com aprovação dos associados presentes, tomar as seguintes diligências:

- Adiar o início do campeonato/provas para o dia 24 de Outubro.



UNIÃO DESPORTIVA
POLVOREIRA
A FAZER HISTÓRIA DESDE 1973

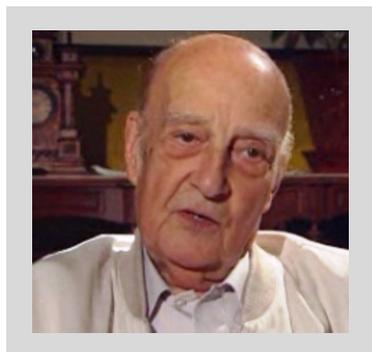
Todos os atletas da **UDP**, desde veteranos a petizes foram submetidos ao Exame Médico Desportivo, na **Clínica Desportmed**, com quem estabeleceu um parceria que os irá acompanhar a nível clínico durante toda a época desportiva.



13 de Setembro, dia de festa.
A União Desportiva de Polvoreira deseja um Feliz Aniversário ao seu Secretário e Diretor de Comunicação, e Marketing.



FELIZ ANIVERSÁRIO
Bruno Pereira



Foi e continua a ser um símbolo inigualável da cultura científica em Portugal. Além de professor de ciências e de poeta, juntando na mesma pessoa duas sensibilidades diferentes, foi um notável divulgador científico e um historiador da ciência, da pedagogia e, em geral, da cultura portuguesa.



Eles não sabem que o sonho é uma constante da vida tão concreta e definida como outra coisa qualquer, como esta pedra cinzenta em que me sento e descanso, como este ribeiro manso em serenos sobressaltos, como estes pinheiros altos que em verde e oiro se agitam, como estas aves que gritam em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho é vinho, é espuma, é fermento, bichinho álaçre e sedento, de focinho pontiagudo, que fossa através de tudo num perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho é tela, é cor, é pincel, base, fuste, capitel, arco em ogiva, vitral, pináculo de catedral, contraponto, sinfonia, máscara grega, magia, que é retorta de alquimista, mapa do mundo distante, rosa-dos-ventos, Infante, caravela quinhentista, que é Cabo da Boa Esperança, ouro, canela, marfim, florete de espadachim, bastidor, passo de dança, Colombina e Arlequim, passarola voadora, pára-raios, locomotiva, barco de proa festiva, alto-forno, geradora, cisão do átomo, radar, ultra-som, televisão, desembarque em foguetão na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham, que o sonho comanda a vida. Que sempre que um homem sonha o mundo pula e avança como bola colorida entre as mãos de uma criança.

António Gedeão

Rómulo de Carvalho foi professor de Ciências Físico-Químicas e usou o pseudónimo literário de **António Gedeão**.



rubrica

associativismo



Já começamos a preparar o novo ano escutista! Um ano especial, marcado pela comemoração dos 80 anos - !!! - do nosso agrupamento. Apesar dos novos hábitos que teremos que adotar, estamos mais ansiosos do que nunca por regressar e voltar novamente a praticar o escutismo.

Por outro lado, no dia 4 de Outubro, tomará posse a nova direcção eleita pelo Agrupamento 200, um dos mais antigos do Concelho de Guimarães, do qual fizeram parte inúmeros Polvoreirenses, alguns deles há muito residentes fora da freguesia mas continuando a dar o seu contributo apaixonado àquele movimento escutista.

A comemoração dos oitenta anos já se iniciou. Todos esperam que esta pandemia não condicione as cerimónias que terão lugar naquela tão significativa data.

Na verdade, o escutismo católico por vezes desprezado por quem mais tem obrigação de o respeitar e promover, tem dado um grande contributo na formação religiosa e cívica de muitos jovens portugueses e não pode ser desvalorizada por quem a quer colocar ao serviço do seu egocentrismo ridículo, por vezes mesmo diabólico, que nada tem a ver com os princípios que enformam a Igreja que o Papa Francisco tão insistentemente enfoca.

Aproveitamos para transpor para aqui parte de uma entrevista concedida à Família Cristã por Ivo Oliveira, o chefe nacional do CNE - Corpo Nacional de Escutas, a maior associação juvenil do país com mais de 70 mil filiados, aquando da sua tomada de posse.



À Família Cristã, fala da fórmula "secreta" que atraiu e continua hoje a atrair os jovens ao escutismo, da importância do voluntariado dos seus membros, da possibilidade dos agrupamentos auxiliarem na integração de crianças refugiadas na sociedade e lança pistas sobre o que os próximos tempos poderão trazer para a associação.

Vivemos numa sociedade que abraça o escutismo, ou ainda o exclui por ser diferente?

- Acho que vivemos numa sociedade que, de uma forma geral, nos acolhe e nos abraça, cria espaço e nos ajuda a podermos desenvolver as nossas atividades. É óbvio que gostávamos de ter mais, porque somos ambiciosos, e gostávamos que a sociedade estivesse cada vez mais disponível para acolher os projetos dos nossos miúdos, que são projetos arrojados e onde a resposta mais imediata e fácil é sempre, "isso não é possível".



Mas o escutismo pode ser a solução para uma sociedade melhor?

- Tenho a certeza absoluta que o escutismo é uma das soluções para que a sociedade possa crescer com membros cada vez mais empenhados, com causas, com vontade de construir e unir, que consigam transformar e fazer crescer a nossa sociedade.

Muitos profissionais da psicologia recomendam o escutismo como terapia. Vocês são, de facto, a solução?

- Devíamos ser, mas o sermos implica partir de um pressuposto que não temos e que temos de trabalhar, que é a capacidade dos adultos voluntários que trabalham no escutismo estarem preparados para lidar com estas situações que os jovens trazem. Uma das preocupações que temos à cabeça é ter formação disponível para os nossos dirigentes saberem lidar com estas situações no concreto, e conseguir sensibilizar os agentes de saúde para que, quer eles quer os pais, façam chegar aos agrupamentos a indicação de que este jovem tem este ou aquele contexto, para que o acolhimento desse jovem seja o melhor possível.

Há quem retrate os jovens como preguiçosos, não brincam na rua, não saem... e depois, há o escutismo, onde eles dormem no chão, em condições nada ideais, passando frio e chuva, mas querendo sempre voltar. É magia?

- É uma magia com um segredo: eles fazem aquilo porque gostam e porque querem ser eles a fazer aquilo. Não há maior motivação para um jovem que sentir que está a ser dono e senhor do que está a fazer, e isso implica do jovem uma entrega diferente do que estar em casa com todas as comodidades. Ele escolhe deixar isso de lado e deixar-se levar por um caminho que lhe custa mais, mas que no final do dia o deixa mais feliz.

E é essa a fórmula "secreta" que vai continuar a cativar os jovens?

- Ao longo destes mais de 100 anos de escutismo a nível mundial, está provado que duas coisas mágicas acontecem: conseguimos garantir que o jovem se desenvolve porque é ele o agente do seu próprio desenvolvimento, que interage com os outros jovens e vive ambições, desafios, escolhas e responsabilidades; e temos o apoio de adultos que não se colocam numa posição de serem eles que mandam os jovens fazer, antes estão ao dispor do jovem para o ajudar a concretizar os seus sonhos.





A Joaquina e a Covid - 19



A Joaquina tem oito anos, mora em Coimbra e anda no 2.º ano do primeiro ciclo na escolinha do seu bairro. É ainda uma daquelas escolas antigas onde também os seus pais e o irmão mais velho estudaram, pintada de amarelo e com grandes janelas rasgadas, pintadas de branco, com um grande jardim cheio de acácias, onde brinca ainda a alguns dos jogos que os seus pais brincavam. A Joaquina gosta muito da escola, dos professores, dos seus coleguinhas e de todos os funcionários e não trocaria aquela escola por nenhuma outra do mundo inteiro. É sempre com grande satisfação que a Joaquina vai todas as segundas feiras para a escola aprender coisas novas com a Professora Madalena e juntar-se aos seus coleguinhas.

Gosta muito de aprender e gostaria um dia de poder ser uma Professora tal como a Professora Madalena, sempre pronta a ensinar com grande satisfação. É muito bom aprender, mas deve ser tão bom ensinar... Por enquanto preocupa-se em aprender ao máximo e, claro, em poder brincar naquele jardim, especialmente bonito na Primavera, quando está cheio de flores e as árvores ficam cheias de passarinhos! É tão bom estar naquela escola! A Joaquina sente-se uma sortuda e realmente é.

Depois do Verão passado a escola ficou ainda muito mais bonita!!!

Foi toda pintada de novo, com um amarelo mais vivo. Fizeram um edifício novo num recanto do grande jardim onde ficou a biblioteca e duas salas de estudo. Tão linda a nova biblioteca, com tantos livros novos e secretárias brancas muito modernas. O Ministério da Educação enviou computadores novos e veio uma Senhora só para a biblioteca, muito simpática, que os ajudava na pesquisa dos livros... O refeitório foi todo alterado, nem parecia o mesmo. A cozinha ficou mais bonita do que a da sua casa... as mesas lindas, dava vontade de comer lá todos os dias...

Mas e o ginásio? Bom, o ginásio foi todo pintado de branco e compraram muito material novinho. No jardim puseram umas mesas grandes de pedra para os alunos jogarem e comerem... era tão bom, toda a escola parecia e cheirava a nova! A mesma escola dos seus pais!



Fizeram uma grande inauguração, vieram uns senhores do Ministério da Educação e destaparam uma placa dourada que puseram na entrada da biblioteca e que brilha tanto que mais parece um espelho... Os alunos treinaram e cantaram umas canções... levaram um mês a treinar, a Joaquina também, embora ache que canta muito mal. Nesse dia estreou um casaco vermelho de malha e uma saia xadrez azul e branca. Estava muito gira, mas chateada porque a mãe a obrigou a pôr aqueles horríveis sapatos amarelos de verniz, que compraram no Algarve, e que tanto lhe apertavam os pés... Os pais e os irmãos vieram. Foi pena não terem deixado vir a Pia e o Rudy, os gatos da Joaquina, e o Gastão, o seu cão basset hound. mas não. Ela bem insistiu... eles portam-se tão bem, os outros meninos iam adorar e até mesmo a Professora Madalena. Bom, mas pensando bem, se calhar foi melhor. A Joaquina não gosta nada que chamem salsicha ao Gastão e com tantos meninos juntos nunca se sabe... Foi tão bom, os meninos trouxeram todos os pais e os irmãos e fizeram um enorme lanche nas

grandes mesas novas de pedra do jardim. Trouxeram bolos e deliciosas sandes e passaram um dia inesquecível.

A Joaquina tem pensado naqueles dias, na Professora Madalena e nos seus amigos enquanto tem estado em casa de quarentena com os pais e os irmãos, depois de o Governo ter decretado o estado de emergência no país por causa do novo vírus da família dos coronavírus, chamado SARS-CoV-2, que significa Severe Respiratory Acute Syndrome (Síndrome Respiratória Aguda Grave) que provoca uma doença chamada COVID-19 (significa Doença por Coronavírus 2019), que dizem que causa sintomas parecidos com os da gripe, mas que é mais perigosa...

Que saudades tem da escola e dos seus amiguinhos! Mas sabe que em breve, passados estes tempos em que tem que cumprir as regras de higiene e de permanecer em casa, irá novamente ter as aulas na sua escola e brincar com os seus amigos. Temos todos que ter muita paciência, tudo isto vai passar..

Agora, desde que está em casa de quarentena, tem aulas por vídeo-conferência, e fala muito com os seus amigos pelo Skype. Até é divertido e a Professora tem dado umas aulas muito boas e mandado fazer muitos exercícios. A Joaquina nem fazia ideia como era ter aulas por vídeo-conferência mas está a gostar muito e até se habituou depressa.

Este texto constitui o 1º capítulo do livro "A Joaquina e a COVID-19" que faz parte da série Joaquina, que conta já com diversos livros em Portugal, nos PALOPS e em países hispânicos, sobre Cidadania e Educação Fiscal e Ambiental, patrocinado pelo Centro de Investigação de Direito Europeu, Económico, Financeiro e Fiscal, da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (CIDEEFF), pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL) e pela Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC).

Nuno M. P. de Abreu



rubrica

da saúde

Lourenço Martins

Residente do CliHotel de Guimarães celebra 100 anos



«A pessoa que me ensinou o significado de viver em paz, com o mundo e comigo mesmo, fez 100 anos de vida no passado dia 25 de Setembro», afirma José Martins, filho de Lourenço Martins, o centenário e ainda jovial residente do CliHotel de Guimarães. Apesar do confinamento e do necessário distanciamento social, imposto pelo contexto de pandemia de COVID-19, o dia foi de festa e de muitos contactos, tele-fónicos ou digitais, para comemorar uma data histórica que orgulha a família Martins.

Natural de Arões (São Ro-mão), em Fafe, Lourenço Martins, que reside no CliHotel de Guimarães há seis anos, foi sempre um homem do campo. Com braços que, toda a vida, fizeram o suado cultivo do chão, teve, de acordo com o filho, «uma vida de altos e baixos», mas sempre muito honrada: «revelou-se sempre um exemplo de virtudes e valores, quer para mim, quer para a minha irmã, que também reside no CliHotel de Guimarães».

No dia de aniversário, pai e filha, celebraram juntos, no quarto deste, como comprovam as fotos, numa singela comemoração organizada pelos serviços de animação do CliHotel de



Guimarães.

Apesar dos problemas de saúde próprios da idade, ao nível da audição e da visão, Lourenço Martins guarda, com zelo, para a família, a raiz da cultura, da fé, dos costumes e dos valores do campo.

Os seus 100 anos são uma data simbólica, que transporta ambos os filhos para recordações e ensinamentos de uma das pessoas mais especiais das suas vidas. À semelhança da mãe, que faleceu há 11 anos, «foi o meu pai quem me contou a maioria das histórias que

também eu partilho com o resto da família. São costumes e lições de humildade, mas que conferem identidade à nossa família», explica José Martins.

Apesar da idade e da pele queimada pelo trabalho, de décadas, de sol a sol, Lourenço Martins não dispensa o exercício do corpo. Insiste em fazer ginástica, pelo menos, duas vezes por semana e aprecia, logo em seguida, umas retemperadoras massagens.

«O CliHotel dispõe de ótimas condições, que me alegra saber que o meu pai usufrui», observa José Martins, revelando-se satisfeito com os serviços da residência sénior que acolhe o pai. «Problemas e desencontros também existem, mas, felizmente, nada de substancial», acrescenta.

José Martins só anseia que o pai continue a fazer o que mais gosta por muitos e bons anos - ver televisão e jogar damas na sala de atividades, o que encerra dois desejos: continuar a celebrar o aniversário do pai e comemorar o fim da pandemia de COVID-19.



rubrica

a nossa...



O Ano da Tranquilidade Responsável e Partilhada



"Há frases que, sendo verdade, já parecem clichés da pandemia: este é o ano letivo mais difícil de que temos memória; não estávamos preparados para isto; a pandemia convoca criatividade; estamos todos a dar o nosso melhor; precisamos de mais recursos. Tudo isto é verdade e tudo isto é difícil. Deixo nove notas sobre este ano letivo que agora se inicia.

1. Sabemos mais hoje do que em março. Quando as escolas fecharam em março e mesmo quando reabriram parcialmente em maio e junho, não sabíamos tudo o que sabemos hoje. Quanto tempo teríamos de conviver com o vírus, se conseguíamos todos ter acesso fácil ao equipamento de proteção individual, o grau de desigualdade que o ensino a distância geraria. Abrimos o ano letivo com mais dados sobre formas de contaminação, com mais comportamentos de higiene, proteção e distanciamento rotinados, com as escolas preparadas para a transição de regimes sempre que necessário, com orientações sobre recuperação de aprendizagens e alinhamento com a avaliação, com todos os recursos educativos produzidos e disponibilizados no site "Apoio às Escolas" durante o terceiro período. Os professores beneficiaram de formação que continuará este ano sobre ensino a distância. O currículo fica centrado nas Aprendizagens Essenciais, para uma melhor gestão.

2. As escolas estão preparadas e têm mais recursos. As escolas têm hoje planos de contingência, formas de organização previstas para outros regimes de ensino, mais cerca de 3300 professores para o apoio aos alunos que mais ficaram para trás, mais 900 técnicos para apoio ao desenvolvimento pessoal, social e comunitário, os espaços estão organizados, os percursos marcados, os procedimentos para atuar em caso de suspeita ou contágio. Dispõem ainda de uma bolsa de recrutamento para agilizar a substituição de assistentes operacionais.

3. As escolas não estão sozinhas. O trabalho de preparação das escolas tem sido acompanhado por orientações emanadas desde o final do ano letivo, disponibilizadas a 3 de julho e durante o mês de agosto. Como é hábito desta equipa ministerial, o contacto com os diretores é direto e frequente, para ajudar a resolver problemas com a agilidade necessária e possível. As autoridades de saúde, as equipas locais de saúde, acompanham as escolas na tomada de decisão. Todo o dispositivo de apoio às escolas desenvolvido no terceiro período continua e reforçar-se-á.

4. O risco existe. Não vale a pena ter ilusões. A abertura das escolas coloca mais pessoas na rua e existe mais risco de contágio. Estar preparado não significa que o risco desaparece, significa saber atuar perante o que pode acontecer.

5. Gerir o risco é gerir equilíbrios. Percebemos nos últimos meses o que era óbvio. Escolas fechadas prejudica uma geração que fica com aprendizagens por fazer. Significa também o enorme aumento de desigualdades. Estamos a viver com uma pandemia. "Viver com" significa construir os equilíbrios possíveis entre a mitigação do contágio, a garantia de que as crianças e os jovens não têm o seu desenvolvimento pessoal e académico seriamente comprometido, a manutenção de uma economia que, mantendo tudo parado, se afunda gerando ainda mais desigualdades, com tudo o que isso acarreta – mais pobreza, menos saúde, menos rendimentos, mais injustiça. Não há, pois, soluções boas. Há um equilíbrio constante, com as palavras de ordem: antecipar, monitorizar, rever, agir. Um recuo numa decisão não é derrota para ninguém. É a ação necessária em função do conhecimento que temos.

6. A confiança é um elemento fundamental. O Serviço Nacional de Saúde funcionou. Os profissionais de saúde sabem o que estão a fazer. As decisões e orientações para as escolas são todas produzidas pela saúde. Eu sou linguista, outros terão outras profissões. A minha opinião sobre a pandemia vale zero. Sei que o conhecimento sobre a pandemia evolui muito rapidamente. Confio nos médicos e nos investigadores e respeito as suas orientações. Se cada cidadão se tornar epidemiologista de café, todos contribuimos para o caos.

7. A abertura das escolas é um compromisso partilhado. Para que o risco seja mitigado, precisamos de todos. Do Governo que decide, apoia e providencia. Das famílias, que devem confiar que o risco na escola não é superior ao de outros espaços que os filhos frequentaram durante o verão. De todos os profissionais da educação e da comunidade envolvente, incedíveis desde o primeiro momento. Se cada um fizer a sua parte, no respeito por regras e pelos outros, o risco não desaparece, mas diminui. O maior risco não está nas escolas. Está nos espaços envolventes, nos comportamentos fora da escola. Aqui as famílias são agentes críticos de saúde pública. Não podem relaxar.

8. O medo e a razão não andam de mãos dadas. É normal que tenhamos receios. Não é normal que o receio tolde o discernimento. Há procedimentos instituídos. Uma suspeita ou um contágio são geridos localmente, não significam que a escola tenha de fechar ou que as soluções sejam iguais para todas as turmas. O medo gera incerteza e incapacidade de agir. Por isso, há protocolos e procedimentos a seguir.

9. As crianças precisam da escola como espaço de alegria. Nós, adultos, somos os responsáveis por manter a serenidade dos alunos. Torná-los conscientes de regras, mas recordar-nos que eles precisam de uma escola que seja promotora de alegria e bem-estar. Estiveram já demasiado tempo fechados"

João Costa – Secretário de Estado Adjunto e de Educação



A Escola e as Tecnologias



Sara Freitas

Docente na Escola Secundária de Fafe

Em pleno século XXI, grande parte da nossa atividade gira em torno das novas tecnologias e das redes sociais. É algo tão banal que não tomamos consciência da dependência que delas construímos e do quão já não sabemos lidar com as diversas situações do dia a dia sem a elas recorrer.

Esta semana tive a confirmação disso.

Ao deixar de ter internet em casa, devido a uma avaria, consciencializei-me da grande influência que ela exerce no meu quotidiano. Nessa perspetiva, foi fácil derivar a minha atenção para a importância que a internet tem para os jovens de hoje. Se eu que nasci numa época em que algo tão fascinante era impensável sinto já a sua imprescindibilidade, é natural que para os jovens deste milénio esta seja a única realidade conhecida que determina toda a sua vivência.

Na realidade, é quase impensável para um jovem de hoje passar uns minutos sem estar ligado à internet para poder, através das diferentes redes sociais ao seu dispor, contactar amigos, recolher informação, ver e publicar vídeos, ou simplesmente jogar. Qualquer dúvida é facilmente solucionada com um clique. É esta particularidade que os distingue de gerações anteriores, quando toda a informação de que necessitavam era recolhida na imprensa escrita inúmeras vezes dedilhada.

Alguns deles nasceram no seio de famílias menos convencionais, têm cada vez menos irmãos biológicos, cada vez mais meios-irmãos e estão, como já foi referido, rodeados de tecnologia. Os pais compensam a falta de atenção, disponibilizando-lhes telemóveis, computadores e tantos outros aparelhos com tecnologia de ponta, que, por vezes, os desligam da realidade e os alienam dos problemas.

É irrefutável o potencial positivo do uso das novas tecnologias na sociedade atual. No entanto, se a quantidade de informação a que têm acesso não for filtrada ou monitorizada, pode constituir um fator desestabilizador no seu desenvolvimento sócioemocional. Estar invisível pode, por um lado, ajudar os mais tímidos, mas, por outro, pode abrir a alguns a porta do cyberbullying, permitindo-lhes que usem a proteção de um ecrã para atacar psíco ou economicamente outros.

As tecnologias fazem parte da vida dos nossos jovens, cresceram com elas e, como é óbvio, sabem usá-las com enorme eficiência. Mas um processo educativo coerente, quer ele seja familiar quer escolar, deve promover a capacidade de sociabilidade dos jovens de hoje: jovens que prezem os amigos, que gostem de conviver, que apreciem a companhia dos familiares.

Deve haver uma educação construtiva na utilização das ferramentas digitais. Os pais, que atualmente têm uma relação mais descomplexada com os filhos em razão do estreitar do fosso geracional, devem ter isso como prioridade.

Hoje vemos pais e filhos a ouvir as mesmas músicas, a assistir aos mesmos concertos, a ler os mesmos livros e a debater os mesmos temas. Assim sendo, há necessidade de sensibilizar os educadores para junto dos seus educandos elencarem abertamente os eventuais perigos que um uso indiscriminado da internet pode conter, mesmo sabendo que grande parte destes têm um domínio técnico das virtualidades dela muito superior à daqueles.

No momento em que todos nós, professores, nos debatíamos com o uso excessivo do telemóvel e com a proibição eventual da sua utilização nas aulas, dá-se uma reviravolta impensável. Com a pandemia, o uso do telemóvel ou do computador tornou-se imprescindível. De repente, passamos a ter de nos certificar se todos os alunos têm computador com internet para poderem estar online connosco quando tal se justificar.

Os alunos mais rebeldes que antes repreendíamos pelo uso abusivo do telemóvel, hoje estão radiantes quando incentivamos nas aulas que os utilizem para realizar ou enviar os trabalhos.

Assim, aproveitem bem esta oportunidade e usem e abusem das novas tecnologias enquanto o "bichinho" resiste, mas, tal como dizem os avós da minha geração e a minha tia Manuela, no grupo do WhatsApp da família, "com conta, peso e medida".

Sara Freitas





rubrica

da nossa janela...



A História Esquecida de Mileva Maric

Pauline Gagnon é um física sénior do CERN, situado entre a França e a Suíça, que, desde 2011, dedica muito do seu tempo na publicitação do trabalho realizado naquele Laboratório Europeu de Física de Partículas, mais especificamente no Programa ATLAS, que identificou o Bosão de Higgs e que Frédérick Bordry, diretor do CERN, por altura da celebração do seu 10.º aniversário, rotulou como a **maior herança do LHC** (Large Hadron Collider), o Maior Acelerador de Partículas do Mundo.



Mas, Pauline, para além de se dedicar a dar a conhecer as especificidades da partícula maldita, da partícula de Deus ou, simplesmente, da partícula que permite explicar a formação do Universo, trouxe a cena a figura importante de uma mulher que a história havia sepultado na penumbra do esquecimento. Referimo-nos a Mileva Einstein.

Einstein é uma figura da história da ciência extremamente dissecada. Diríamos mesmo literalmente dissecada. Quando morreu, na manhã de 18 de abril de 1955, aos 76 anos, depois de ter sofrido um aneurisma e ter recusado tratamento porque achava que havia vivido o suficiente, Thomas Stoltz Harvey, que o autopsiou, removeu-lhe o cérebro, mesmo sem permissão da família, para preservação e estudo futuro. Está guardado no Princeton University Medical Center.

Em contrapartida, Mileva Einstein, como o sobrenome sugere, mulher de Albert Einstein, um dos pilares em que este se apoiou, mesmo no plano científico, ficou completamente esquecida na história. Mileva Maric, de seu nome de solteira, sérvia, conheceu Albert, em 1896, na Escola Politécnica de Zurique, então uma das poucas Universidades da Europa que aceitavam a inscrição de mulheres. Era a única, no conjunto de estudantes de física e matemática, naquele Politécnico. Casaram-se em 6 de janeiro de 1903, em Berna e, em 1904, nasceu-lhes o filho, Hans Albert Einstein. Seis anos depois, nasceu o segundo filho a quem puseram o nome de Eduard.

Acontece, todavia que Mileva Maric não era bem vista pela família de Albert. Desde logo, porque, conforme cartas encontradas em 1897, Mileva deu à luz uma bebé fora do casamento, em 1902, enquanto se encontrava com a sua família na Sérvia. Não há registos do paradeiro da primeira filha do casal, mas acredita-se que ela tenha morrido após contrair escarlatina, ou tenha sido dada para adopção e Einstein não terá chegado a conhecê-la.



Por outro lado, os pais tinham previsto para Albert uma outra esposa, na pessoa de Elsa, filha de uma tia de Einstein e, por conseguinte, sua prima em primeiro grau. Também o era em segundo grau, já que o pai de Elsa e o de Albert eram primos. O seu apelido de solteira era por isso, Einstein. Apelidavam Mileva de "intelectual demais", "velha bruxa" e outros piropos similares.

Por estas ou por outras razões – há historiadores que referem que a verdadeira paixão de Einstein era Marie Winteler, com quem trocou cartas de amor - Albert divorciou-se de Mileva, em 1919, dois anos antes de receber o Prémio Nobel. No entanto, como já era previsível que o recebesse, o acordo previu que o valor monetário desse prémio fosse inteiro para Mileva: 29.670€.

Sendo Marie Winteller um amor proibido, Einstein casou, por vontade da família, em segundas núpcias, com sua prima Elsa Einstein.

Durante as férias escolares, que com frequência Albert e Mileva passavam distantes, trocaram muitas cartas onde aquele referia constantemente a colaboração dela mencionando "os nossos trabalhos", "a nossa teoria do movimento relativo", "o nosso ponto de vista" ou "os nossos artigos".

As qualificações de Mileva não deixam dúvida de que foi uma física e cientista brilhante, às vezes com notas mais altas que as de Albert. E mesmo assim não conseguiu passar nas provas finais da carreira.

"Apagar da história da ciência mulheres brilhantes como Mileva não ajuda no trabalho de demonstrar que nós mulheres somos tão capazes quanto os homens", afirma Gagnon.

A vida, depois do divórcio com Einstein, foi difícil para Mileva, que enfrentou problemas económicos. Em 1930, o seu filho Eduard foi diagnosticado com esquizofrenia e Mileva passou o resto da vida a cuidar dele. Mota Reis





rubrica

cidadania

Sebastião de Sousa e Silva

Uma vida dedicada às actividades da Paróquia de Polvoreira



No penúltimo domingo deste mês, o Evangelho do dia relata a parábola de Jesus contada aos seus apóstolos - segundo S. Mateus - centrada no patrão que saiu de madrugada à procura de trabalhadores para a sua vinha, prometendo-lhe uma moeda.

A esse propósito, o Papa Francisco elucida que no "Reino de Deus não existem desempregados pois todos são chamados a desempenhar a sua parte e no final haverá para todos a recompensa divina."

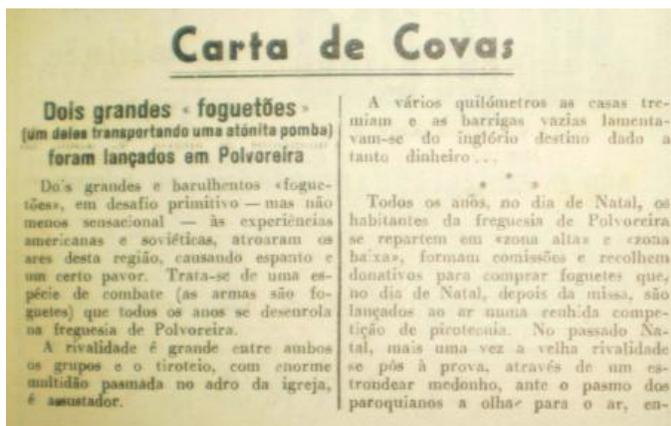
No mês passado, encetamos aqui a história de um trabalhador voluntário que nunca recebeu qualquer moeda e que, desde há sessenta anos, disse sempre presente, quando chamado pelos representantes de Jesus Cristo na sua freguesia, para trabalhar na vinha do Senhor, como veremos.

Ficamos, então, no ano de 1980. No ano em que, com a verba obtida nas festas do Padroeiro da Freguesia, S. Pedro, foi recuperada a torre sineira da Igreja paroquial.

Hoje, antes de entramos propriamente na actividade de Sebastião Sousa e Silva, nos anos seguintes, gostaríamos de lembrar aqui um episódio que nos faz refletir sobre os pequenos pecadilhos que por vezes se cometem, mesmo quando se procura fazer o bem.

É tradição de Polvoreira o foguetório nas festas da freguesia. Em Setembro de 1961, é mesmo publicada, no "Notícias de Guimarães", uma reportagem dando conta dessa realidade. Reportagem idêntica foi publicada no "Jornal Notícias" dando azo a um inquérito policial. Isso obrigou, naturalmente, a uma restrição maior no foguetório, diminuindo a quantidade dos foguetes a explodir e a um esconder mesmo destes, para o caso de uma "visita" indesejável.

Havia, então, dois intermediários de fogo na freguesia. Nesse ano, devido à diminuição das quantidades, foi todo entregue a um. Mesmo assim, foram divididos em dois lotes, ficando um a cargo de João Freitas e o outro do irmão que trabalhava a Quinta das Matas. Acontece que o intermediário rejeitado acabou por informar a polícia do acontecido e os representantes da Mesa tiveram de prestar declarações na GNR. Safou-os o Albertinho Cunha, importante industrial da freguesia e pessoa influente nas estruturas municipais, de quem o mesário Manuel Freitas era caseiro, na Quinta do Paço.



Sebastião Silva trabalhou arduamente para o Grupo Coral, durante quarenta anos. Tudo começou numa pequena crítica que fez, em Maio de 1980, ao seu cunhado, Jorge Abreu, principal responsável pelo Grupo. Num domingo, depois da missa, Sebastião chamou a atenção para um desvio musical que lhe tinha ferido os tímpanos. De imediato, Jorge Abreu lhe respondeu:

- Sim, está bem. Mas se queres que tudo corra melhor vem e faz parte do Grupo.

Ao lado, presenciava a conversa o Armindo do Norte. Sebastião olhou para o Jorge, olhou para o amigo Armindo e respondeu-lhe:

- Até vou. Se aqui o amigo Armindo for também.

Iniciaria ali uma actividade intensa que se prolongou por quatro décadas, como já referido.

A primeira tarefa foi adquirir um órgão novo. Apreçaram um que custava 114 contos no "Jerónimo dos Sinos" em Braga. Não tinham, todavia, esse dinheiro. Resolveram fazer um peditório pela freguesia. Na altura, um jovem, Miro, filho do Amaro "Poeira", fazia parte do coro. Lembrou:

- Devem ir a casa do meu pai já, pois vai sair para uma feira na Suíça. Ele deve dar algum.

E lá foram, meio envergonhados à Valinha, a casa do Amaro. Com a sua reconhecida generosidade, deu-lhes dez contos. Junto dos fregueses da Paróquia juntaram mais sessenta e partiram para Braga para negociar o órgão. De lá o trouxeram acrescido de um prazo, de cerca de seis meses, para liquidarem o resto em falta.

Uma coincidência triste - que já relatamos na Revista de Polvoreira de 2018 - levou a que o órgão fosse, pela primeira vez, usado no funeral de António de Abreu, o pai de Jorge Abreu, que até havia sido nomeado tesoureiro naquele projecto de aquisição de fundos.

Tudo ia correndo dentro da normalidade até que, no verão de 1981, o Padre Isaac, o então pároco da freguesia, ao encontrar o Sebastião no adro da Igreja, lhe entregou uma carta dirigida ao Grupo Coral que provinha de "Jerónimo dos Sinos", a qual ameaçava vir recolher o órgão se não fosse liquidada, no prazo de oito dias, a importância em falta.

Sebastião Silva ficou muito apreensivo. A Comissão Fabricadeira não se disponibilizou para resolver o problema. Jorge Abreu encontrava-se, então, no Algarve e as comunicações não tinham a disponibilidade de hoje. Assumiu ele próprio a iniciativa. Falou com o Armindo do Norte, que havia pouco tempo iniciara a sua actividade empresarial, falou com o Alves, o sobrinho deste, juntaram as suas parcas economias e conseguiram os 44 contos em falta para garantirem que o órgão, imprescindível, entre outros actos, para o solenizar da missa dominical, ficaria, de cara lavada, no coro da sua Igreja.

Sebastião e Silva e a mulher, La-Salette Abreu, trocaram as férias programadas para a qual tinham poupado uns trocos, pela garantia de que o órgão continuaria ao serviço da Paróquia.



Diário de Teresa Gil

Contin., Capítulo VIII

Ordono II de Leão, Elvira Mendes e São Rosendo

Curiosa de saber que Elvira Mendes era minha antepassada, procurei conhecer melhor alguns pormenores da sua vida e da sua história.

Fiquei a saber que Ordonho II tinha sido um grande rei a ponto de, mesmo antes de o ser, ter organizado uma expedição militar contra os muçulmanos que, então, ocupavam uma grande parte da nossa Ibéria, tendo mesmo destruído e saqueado, em Sevilha, o Bairro de Regel onde residiam muitos dos mais importantes guerreiros muçulmanos.

Aquando rainha, já Elvira tinha quatro filhos -três barões e uma mulher - mas rezam as crónicas que já não podia de novo emprenhar porque tinha a gota. Diz o meu irmão, que gosta muito de conhecer, tal como eu, a história dos seus antepassados, que ter uma filha era importante para as casas reais. Elas permitiam estabelecer alianças com outras casas nobiliárquicas e adquirir património. Por vezes, essas decisões tinham mesmo por base o testamento do titular da casa nobiliárquica, testamento esse cujo cumprimento era sagrado. Por isso, era assinado, muitas vezes, no leito de morte, na presença do bispo confessor e autorizado expressamente pelo outro consorte.

Mas continuemos. Quando Ordono II assumiu o trono de Leão, em 914, por morte do seu irmão Garcia que não deixou descendentes, Elvira Mendes abandonou as suas tão queridas terras viseenses e instalou-se em Leão.

Segundo parece, a casa onde foi morar ainda era feita em adobe, uma espécie de blocos feitos de barro amassado com palha, do tempo de Nosso Senhor Jesus Cristo, conforme conta a Bíblia.

Talvez por isso, sempre que podia, Elvira regressava a Viseu onde ficara o Infante Rodrigo que aí havia de casar. Daí, naturalmente, do gosto da nossa primeira Rainha, Dona Teresa, minha antepassada - não me canso de o repetir! - por aquelas terras viseenses.

Já agora, convém aqui lembrar que Elvira Mendes era muito religiosa. Talvez para isso muito tenha contribuído ter na família um homem bom, como era Rosendo que, mais tarde, até veio a ser declarado Santo.

Rosendo nascera em St Tirso, bem pertinho do lugar onde eu também nasci - Polvoreira. Era filho de Guterres Mendes, irmão da nossa Elvira e conseqüentemente seu sobrinho. Tinha muito bom carácter e gostava muito de estudar. Fundou o Mosteiro de Celanova, em Ourense, dinamizando a cultura em toda a região da Galiza e criou ali vários cenóbios. Chegou mesmo a ser Bispo de Dume. Há cerca de 100 anos, foi declarado Santo pelo Santo Padre Celestino II.

Por falar em Mosteiros, também a minha antepassada Elvira reconstruiu um: o mosteiro de Bierzo. O seu avô era Gatón, Conde de Bierzo e, por isso, ela herdou muitos bens na região entre eles o mosteiro de San Pedro de Montes, do século VII. De lembrar que Bierzo foi a terra onde viveu Jimena Moniz, mãe de Teresa e conseqüentemente avó do nosso Afonso Henriques.



Ordono II

Segundo li numa crónica, Elvira chamava ao marido "Serenissimus Imperator" quando estava na presença da Corte.

Isto significava que o Rei de Leão estava acima de todos os outros reis da Hispânia. Por outro lado, o facto de a crónica referir que a Rainha Elvira estava muitas vezes presente nas cortes, revela a importância que tinha junto do Rei, Ordono II.

A vida de Elvira foi relativamente breve mesmo tendo em conta que as mulheres morriam, em regra, mais cedo do que morrem hoje. Morreu em Zamora em 921. O Rei ficou desesperado. Encontrava-se fora, em campanha, e quando regressou, vitorioso, já a mulher estava morta. Na crónica que li, dizia-se que o Ordono II ficou mais triste com a morte da mulher do que alegre por ter saído vitorioso daquela campanha.

Isso não o impediu de voltar a casar e, mais uma vez, procurou para o efeito uma mulher portugalense. A escolhida, talvez contra sua vontade - ninguém queria casar com um homem já com cinquenta anos e com os pés para a cova como se dizia, e que, por morte do marido, teria de se retirar para um convento - foi Aragonta Gonçalves, filha de Gonçalo Betote, conde de Deza e um dos mais importantes repovoadores de Guimarães. Na verdade, Gonçalo Betote era filho de Afonso Betote um dos asturianos a quem Afonso III entregou as presúrias, a sul do Rio Minho: Vila do Conde a Afonso Betote; Portucalle a Vimara Peres; e Coimbra a Hermenegildo Guterres.

Assim, Aragonta Gonçalves foi a segunda portugalense a ocupar o trono de Leão, embora por pouco tempo. Razões baseadas na procura de alianças estratégicas, levaram Ordono II a repudiá-la com base em ligações familiares próximas, proibidas pela Igreja. Acabou por desposar Sancha Sanches de Pamplona, filha de Sancho Garçes, rei de Pamplona, que lhe garantia a protecção das fronteiras dos Pirenéus.

Nuno A.P.O.E. de Abreu

Mosteiro de San Pedro Montes em Bierzo, onde se recolhia Jimena Moniz





info

paróquia

Um depoimento de quem gosta muito da terra onde nasceu

Agora, que parece terminada a missão de D. Jorge Ortiga neste arcebispado de Braga, talvez me caiba a responsabilidade de trazer à luz do dia factos de que fui protagonista e que, por uma questão de recato, de procura de concórdia para a freguesia onde orgulhosamente nasci, me abstive de elencar.

Na verdade, face à proximidade de renovação do titular da cátedra episcopal, a ser ocupada por alguém afastado dos problemas que a minha paróquia, mais que a minha freguesia, atravessa, será oportuno tornar público tais acontecimentos.

Convivi com o Arcebispo de Braga, enquanto simplesmente Jorge Ortiga, durante cinco anos: quatro no seminário da Tamanca, um, no então, Seminário Conciliar. Ambos alunos relativamente acima da média, sempre fomos competitivos mas, simultaneamente, amigos e companheiros.

Anos mais tarde, já Bispo, contactou-me D. Jorge para o ajudar a resolver um problema familiar a que correspondi com prazer. Pouco depois, solicitou-me apoio para colaborar no financiamento da implantação de uns bancos no "nosso" Seminário a que acedi de imediato e, talvez por isso, ainda hoje recebo periódica e graciosamente a revista daquele Seminário, em minha casa. Há pouco tempo, pediu-me apoio para ajudar no apaziguamento das relações entre o Presidente da Junta, Dr. Carlos Oliveira, e o pároco da freguesia, depois de um convite para almoçar no Arcebispado.

Tentei. Reuni-me com Carlos Oliveira que conheço desde miúdo, e disse-lhe o que pretendia. Dei conta ao Sr. Arcebispo, D. Jorge Ortiga do resultado, dos factos apresentados por Carlos Oliveira em carta que lhe enviei e de que aqui resumidamente torno pública.

- Carlos Oliveira foi ferido em muito na sua dignidade por acusações públicas que lhe foram feitas pelo novo pároco, poucos meses depois de ter assumido o cargo, e que, jamais, foram admitidos pelo seu autor. Nomeadamente, logo que chegou, afirmou sem qualquer conhecimento prévio, que o Centro estava atulhado de porcaria e tinha mandato para o limpar. Por isso, a possibilidade de convívio consensual só depois de removido aquele impedimento através da assunção de responsabilidades próprias;

- Carlos Oliveira foi acusado ignominiosamente pelo novo Pároco, numa Assembleia da Paróquia, em 24 de Janeiro de 2015, sem se poder defender, por não poder estar presente pelo facto de seu pai ter falecido, tudo isto depois de ter sido chamado à atenção para tal circunstância, por um dos participantes na Assembleia. A resposta desumana do Pároco foi: não está presente porque não quer;

- Meses depois de, no púlpito da Igreja, a situação do Centro Social de Polvoreira ser classificada de catastrófica, inauguravam-se, a 27 de Junho de 2015, com pompa e circunstância as novas instalações, na presença de D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, do Ministro da Solidariedade, Trabalho e da Segurança Social, do Sr. Director do Centro Distrital de Braga e do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, onde era reconhecido, sem qualquer pedido de desculpas prévio, **o gigantesco trabalho feito pela Direcção anterior do Centro;**

- Referi, ainda, o episódio patético da sede da FNA, que eu, como administrador de uma empresa de construção, doara àquela associação e onde a Paróquia queria fazer reverter o acordo que eu próprio tinha intermediado junto da Junta e a apropriar-se daquela fracção.

Outros factos foram inventariados mas o espaço de que disponho não me permite fazer.

Perante isto, afirmo que me sentia completamente de mãos e pés atados, impotente por estar no meio de um conflito onde de um lado tinha uma freguesia que amo e do outro a Igreja materializada num Seminário que fez de mim quem eu sou.

De D. Jorge recebi um email que tenho a ousadia de revelar, porque acho útil para que, quem venha a ocupar a cátedra ascebispal, melhor possa aferir a situação.

" Caríssimo amigo, gostaria que soubesses quanto gostaria de ver o assunto resolvido. Foi por esse motivo que pedi ao Presidente da Câmara e a ti que vissem o que poderiam fazer. Neste momento, talvez mal, não estou a olhar para as razões apresentadas que magoaram e continuam a magoar. Esse assunto de confrontar razões seria para depois. Ficaria contente que houvesse um pedido de desculpas, talvez perdão, para avançar numa atitude de respeito mútuo na diferença de funções. Não negligencio os argumentos que apresentaste. Aceito-os. Parece-me que só num encontro de reconciliação, onde cada um assumiria as suas culpas e se disporia a perdoar para juntos servirem o mesmo povo, poderia ser a solução.

Se te parece que não valerá a pena, não quero lavar as mãos. Vou continuar a pensar e rezar para discernir o que poderei fazer. Acredita, não desistirei de lutar pelo bom entendimento.

Desculpa se não estou a corresponder ao que te parece melhor. Para mim, o que foi feito durante anos, e a culpa estará dos dois lados, vai exigir muita paciência e persistência. Desculpa. Só te peço que esta solicitude que colocamos no desejo de resolver o assunto, não belisque a nossa amizade.

Vamos esperar mais um pouco. Irei estar atento não me demitindo de procurar encontrar o melhor modo de ultrapassar esta situação. Um grande abraço de sincera amizade."

Enviado do telefone de D. Jorge, em 9.2.2020, às 10:29.

Nuno M. P. de Abreu

JANELA DA SAUDADE



FALECEU

Dr. M. Umbelina
Machado Coelho local

R. Com. Faria Leite Brandão
Polvoreira, Guimarães





AGÊNCIA FUNERÁRIA SÃO PEDRO DE POLVOREIRA, LDA.



 253 523 580  966 037 910
 253 524 057  966 618 931

funerariasao Pedro@sapo.pt



Saúde e Alegria para os Idosos dos nossos Lares



CAFÉ RIO
RESTAURANTE



253 523 841
936 806 682
934 801 904

FRANGO À RIO
POR RESERVA E
OUTROS PRATOS

R.Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 233
4835 - 192, Polvoreira, Guimarães



Est. 1960
FRANCISCO TEIXEIRA
DISTRIBUIDOR AUTORIZADO
931 604 572

COMPRO E VENDO
EQUIPAMENTOS USADOS

FRANCISCO TEIXEIRA
NEGÓCIOS

Polvoreira - Guimarães
931 604 572
franciscoteixeiranegocios@gmail.com



VITÓRIA S.C.

Talho Oliveira

Rua das Oliveiras - Polvoreira - GMR
TLF: 253 524 010 - TLM: 917 537 242



RESTAURANTE
TREVO
GUIMARÃES




Rua Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 2005
Polvoreira - Guimarães
253 522 372



CASA DOS BOMBOS ALVES
José Manuel Salgado Alves

Rua N.º Snr.ª de Fátima, 524
Polvoreira, Guimarães 962 930 407

O Pontido -
- Café Snack Bar, Lda



Largo Campo da Casa Nova 48,
4835-144, Polvoreira, Guimarães
253 523 136

Café Areal




Rua Ribeiro da Ponte, 530
Polvoreira - Guimarães
253 522 444

paulocar



Estrada Nacional 105, n.º 1531
Polvoreira, Guimarães
932 665 701



Filipe Abreu
Mediador Exclusivo

filipeabreu@meo.pt
T. +351 253 464 888
M. +351 916 987 933

Rua António Costa Guimarães, 2861
4810-491, Urgezes, Guimarães
fidelidade.pt

TECNOLOGIAS
ESTRATÉGICAS

Sonhe, nós
desenvolvemos!

Equipamentos e Serviços de
Informática, S.A.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 424 570
Fax: (+351) 253 514 704

E-mail: geral@vimaponto.pt

Apoie as associações
de Polvoreira!

SINCRONIDEIA
Data Privacy & Security

SINCRONIDEIA - Informática, Lda.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 036 727
geral@sincronideia.pt



CliHotel
de Guimarães

253 424 400
E.N. 105, n.º 787 - 4835-164, Guimarães

